



A. Estado, Poderes e Sociedade

B. Estruturas Produtivas, Trabalho e Profissões

C. Educação e Desenvolvimento

D. Território, Ambiente e Dinâmicas Regionais e Locais

E. Cultura, Comunicação e Transformação dos Saberes

F. Família, Género e Afectos

G. Teorias, Modelos e Metodologias

Sessões Plenárias

Entre o senso comum sobre os portugueses e a construção da identidade nacional^[1]

Fátima Rosado*, Luís Faísca* e Jorge C. Jesuíno**

Resumo

Alguns estudos empíricos, realizados entre jovens universitários portugueses, parecem sugerir que a afectividade entra na constituição de um núcleo central das representações sociais do *português*. A existência deste núcleo poderá ser associada a um emblemismo de fundo enigmático e exótico que tende a caracterizar a sociedade portuguesa e que tem vindo a ser veiculado pelo discurso erudito. Perante o desconhecimento, gerador de exotismo, o estudo do senso comum sobre os Portugueses abre um espaço de análise sociológica que pode contribuir para a inteligibilidade de Portugal. Pretende-se, com a participação neste Congresso, divulgar alguns resultados de um estudo em curso sobre representações sociais da identidade portuguesa, e promover a sua discussão na perspectiva de um conhecimento novo do senso comum que o possa dotar de novo sentido, ainda que menos comum.

Introdução

A identidade nacional surge, neste final de século, como um dos objectos perdidos que o tempo e as circunstâncias nos levam a redescobrir atónitos, interrogantes e rendidamente empenhados em explorar. Às memórias antigas faltam transparência e distintividade necessárias à compreensão deste novo-velho objecto e a identificação nacional tem vindo a tornar-se transversal nas ciências sociais, interessando nomeadamente a psicologia social e a sociologia. Em psicologia social considera-se a referência individual a uma nacionalidade como um dos níveis fundamentais na definição da identidade pessoal (Zavalloni e Louis-Guérin, 1984); para a análise sociológica, quer os movimentos nacionalistas, quer a crescente reivindicação de identidade nacional pelos cidadãos não poderão deixar de ser considerados como fenómenos sociais das sociedades contemporâneas. Enquanto fenómeno social, a identidade nacional refere-se à inserção num determinado contexto cultural, à partilha de uma cultura nacional que aproxima indivíduos e famílias com formas de vida e proveniências diferentes e os organiza numa colectividade, proporcionando-lhes um “poderoso sentimento de identificação, um conjunto de referências essenciais e apoio afectivo” (Schudson, 1994, p. 80).

Como se constrói este sentimento de identificação ou que “referências” essenciais serão estas é, porventura, o campo heurístico que se vai abrindo à nossa frente.

A depreciação anterior da nacionalidade como componente do sistema identitário pessoal fundamentou-se mais em considerações ideológicas do que em observações empíricas. A crítica mais generalizada às correntes antropológicas que se referiram à nacionalidade enquanto “carácter nacional”, procurando aproximar personalidade e socialização, acentuava a base de senso comum inerente a este tipo de caracterização e destacava as atitudes preconceituosas a ele associadas. Este paradigma, que rejeitava a identidade nacional por insuficiente validade científica, constituída por um

leque multiforme de simples lugares comuns, é cada vez menos seguido. Por um lado, na pós-modernidade, ciência e senso comum não ocupam compartimentos estanques; por outro lado, o senso comum, reabilitado hoje pelas correntes teóricas e metodológicas que consideram a realidade (social) como socialmente construída, vai retomando o seu lugar no edifício do saber colectivo. O preconceito social, uma das expressões do senso comum, poderá mesmo tomar-se como elemento privilegiado no estudo do pensamento social (Peabody, 1985, Zavalloni e Louis-Guérin, 1984). O estudo do senso comum, inscrito actualmente no novo paradigma científico, estava já presente na abordagem da psicanálise enquanto representação social (Moscovici, 1961). A noção de representação social, como visão consensual da realidade, actualiza e aperfeiçoa o conceito de consciência colectiva de Durkheim sobre a qual assenta uma parte significativa da perspectiva sociológica.

Reaberto o lugar ao senso comum e redescoberta a identidade nacional enquanto “ideologia do dia-a-dia” (Billig, 1994), como estudá-la?

Recentemente, Boaventura Sousa Santos (1994, p. 12), no que designa como “manifesto contra o discurso mítico” sobre a identidade portuguesa avança a hipótese de dois tipos de senso comum: o de ênfase mítica, presente no discurso das elites nacionais “elites culturais”, e um senso comum alargado, diferente e ainda ignorado – “A minha hipótese de trabalho é que, dada a distância entre as elites culturais e o cidadão comum, o nível de interiorização deve ser relativamente baixo (Santos, *op. cit.*, p. 57).”

Em apoio da sua hipótese, este autor recorre à enunciação de supostas características portuguesas presentes no discurso de alguns autores nacionais e apela a “uma análise sociológica diferente”, que vá para além da consideração do excesso mítico do discurso erudito como “um fenómeno sociológico em si mesmo” e a “ser analisado como tal” (*op. cit.*, p. 57).

A análise sociológica empírica poderá ser uma resposta a este incentivo e que talvez nos revele outra caracterização do português que não a veiculada pelo discurso erudito.

Os estudos empíricos que temos vindo a realizar (Rosado, 1993, Rosado e Faisca, 1994) inscrevem-se nesta orientação, procurando analisar por um lado o discurso erudito sobre a identidade portuguesa e, por outro, a representação, presumivelmente menos elaborada, presente no discurso popular sobre o ser português.

Acresce ainda que, em nosso entender, a Teoria das Representações Sociais, inicialmente proposta por Moscovici (1961, 1976) e que na actualidade adquire uma assinalável aceitação interdisciplinar, se afirmou particularmente adequada para enquadrar tal abordagem empírica. De acordo com uma das vertentes desenvolvidas neste quadro toda a Representação Social pode ser caracterizada em termos de um núcleo central e de um sistema periférico. É designadamente essa vertente que procuramos aqui ilustrar.

A inteligibilidade possível da identidade portuguesa e a análise sociológica

O fio condutor do pensamento de Boaventura Sousa Santos na explicação do “exotismo” de Portugal leva-nos à acção de elites nacionais produtoras ou fomentadoras de um “excesso mítico” na interpretação da sociedade portuguesa, excesso que terá obscurecido a realidade nacional.

Para todos aqueles que pretendem fazer da análise sociológica um instrumento de observação e compreensão da realidade mais próxima, o incentivo de Boaventura Sousa Santos ao estudo empírico da sociedade portuguesa é muito sugestivo e as “Onze Teses Por Ocasão de Mais Uma Descoberta de Portugal” (Santos, *op. cit.*, pp. 49-67) constituem um conjunto de propostas inovadoras, oportunas e, principalmente, estimulantes.

A primeira e mais curta “tese” de Santos afirma que “Portugal é um país inteligível” (Santos, *op. cit.*, p. 49) e, ao desenvolvê-la, o autor relembra o “enigma” que tende a ser invocado para a sociedade portuguesa, quer por estrangeiros, quer por nacionais. A sua hipótese é que este enigma é alimentado pelo pouco que se sabe de Portugal: o actual “exotismo” decorrerá de desconhecimento. Na segunda “tese” o autor define claramente o campo de explicitação deste desconhecimento: aquilo que Portugal é, no seu passado e na sua realidade social e cultural de hoje, tem vindo a ser ocultado pela acção de “elites culturais”, as quais, sem confrontação com a observação rigorosa da

realidade, “puderam dizer tudo impunemente sobre Portugal e os portugueses e transformar o que foi dito, numa dada geração ou conjuntura, na ‘realidade social’ sobre a qual se pode discorrer na geração ou na conjuntura seguinte” (Santos, *op. cit.*, p. 50).^[2]

Finalmente rejeitado aquilo que poderia designar-se por estereótipo da “quase inexistência” de Portugal e sua “insignificância” (tão igual a tudo o que há em qualquer parte do mundo que é como se não existisse e só diferente quando é para valer menos), temos perante nós, e nas “vésperas” deste III Congresso Português de Sociologia, um claro desafio ao estudo de Portugal. Desafio que implicitamente aponta a relevância do assunto.^[3]

Senso comum erudito e a hipótese de centralidade representacional da afabilidade ou afectividade nacionais

Da imagem do português veiculada pelo discurso erudito ressalta um conjunto variado de características nacionais que poderemos considerar o campo representacional da identidade portuguesa. No entanto, se nos demormos um pouco mais na sua análise, verificaremos que nem todas as características recebem o mesmo destaque; dir-se-ia que algumas são mais portuguesas do que outras. Este destaque poderá ser esclarecido pela Teoria das Representações Sociais, nomeadamente pela teoria do *núcleo central* (Abric, 1976).

A hipótese do núcleo central remonta aos trabalhos de Asch (1946) sobre a formação das impressões interpessoais. Recorde-se que Asch propunha aos sujeitos experimentais um conjunto de sete traços descritores de um indivíduo, analisando em seguida quais desses traços desempenhavam um papel central na formação das impressões. Nas célebres experiências que levou a efeito veio a concluir ser o traço caloroso/frio que desempenhava um papel determinante na percepção da pessoa. A simples mudança desse elemento central produzia uma mudança radical da percepção.

A Teoria das Representações Sociais desenvolvida pelo designado “groupe du Midi”, reunindo investigadores das Universidades de Aix-en-Provence e de Montpellier, parte desta hipótese e propõe métodos para a sua verificação. Um desses métodos introduzido por Moliner (1992) e que consiste na “indução de um cenário ambíguo” (ISA) inspirou o procedimento que seguimos neste trabalho.

A ideia básica deste método consiste em promover alterações sistemáticas na estrutura de uma representação social por forma a determinar quais os atributos que maior consenso reúnem por parte dos sujeitos experimentais.

Ao invés do que é habitual em estudos empíricos de Representações Sociais, a hipótese do núcleo central foi por nós induzida não a partir dos sujeitos experimentais mas directamente das referências “eruditas”, com vista a verificar em que medida os atributos tidos por centrais eram igualmente considerados como tal por sujeitos distantes, tanto no espaço como no tempo cultural, desses discursos “míticos”.

A nossa hipótese de trabalho considera, a partir de conteúdos do discurso erudito, a afectividade como caracterização central da identidade portuguesa.

Efectivamente, apesar de surgirem associadas a outras características atribuídas aos portugueses, como ousados, corajosos, aventureiros, tolerantes, discretos, rejeitadores de crueldade, as características circunscritas ao tema da afabilidade – *afectuosos, acolhedores, agradáveis, amigos, amorosos, amáveis, apaixonados, brandos, corteses, atenciosos, delicados, meigos, sensíveis, sentimentais, doces, cordiais, ternos, humanos, simpáticos* – parecem ganhar maior relevo, constituindo em certa medida uma *síntese* última e mais profunda da personalidade nacional. Muito antes de Jorge Dias escrever que “*para o português o coração é a medida de todas as coisas*” (1950), já Lope da Vega e D. Francisco Manuel de Melo o tinham assinalado. A definição dos portugueses baseada na afectividade é um tópico já várias vezes secular na literatura nacional e estrangeira; não se trata de uma invenção recente, contrariamente àquilo que, por vezes, se deixa como que implicitamente subentendido.

Em Lope da Vega, como relembra António José Saraiva, torna-se evidente o uso social da

dimensão amorosa na caracterização dos portugueses. Foi da seguinte forma que retratou o Português de finais do séc. XVI:

“A un portugués que lloraba / preguntaron la ocasión. / Respondió que el corazon / y que namorado estaba. / Por minorar su dolor, / le preguntaron de quién? / Respondió: – Pues de ninguém / lloro de puro amor.”^[4]

Por seu lado, D. Francisco Manuel de Melo, na sua conhecida explanação sobre a *saudade*, indica, como tratando-se de evidente senso comum nacional e estrangeiro sobre os portugueses serem estes *amorosos* – “nosso natural é, entre as mais nações, conhecido por amoroso”.^[5]

Mais tarde, no século XIX, quando no dicionário Larousse se define o português, dele se diz que é “bom, caridoso, tolerante, sincero, amigável, independente, digno, corajoso, e mais devotado à sua pátria que à sua família e aos seus amigos”, para terminar dizendo que é “francamente hospitaleiro.” No princípio deste século, outro exemplo estrangeiro, colhido através da própria percepção e reivindicação nacionais dessa especificidade, revela-nos a permanência da afectividade na

caracterização final dos Portugueses. Veja-se o caso de Unamuno:^[6]

“(…) se alguma afectação há nos vizinhos portugueses é a afectação do sentimentalismo. Um português reconhecerá facilmente que outro povo se lhe avanteja em riqueza, em poderio, em ciência, em arte, mas não em sentimentalismo. Consideram-se antes de mais e acima de tudo sentimentais.” Também nos estudos levados a efeito por McClelland, nos anos 50, em que se caracterizam as culturas nacionais através de indicadores motivacionais, o autor “se mostra surpreendido com o caso português”, de “configuração motivacional *única*”, e na qual aponta como um traço distintivo da cultura portuguesa a necessidade de afiliação traduzida na importância central atribuída à amizade, ao lado afectivo das relações humanas (Jesuíno, 1982).

Mais próximos de nós, em 1990 e numa das edições da Fundação Calouste Gulbenkian que apresenta textos considerados representativos de diversos autores nacionais do século XX, reencontramos alguns exemplos de uma clara acentuação da afectividade na identidade portuguesa que se assinalam a seguir (Quadro 1).^[7]

Quadro 1 — Características afectivas na identidade portuguesa

“Portugal é um país de amadores. Houve mesmo, europeicamente e noutras eras, no teatro e na novela, o português suspiroso, modelo de amantes teimosos e inconsoláveis. E, numa vaidade já ancestral, não há português que não se suponha um pinga-amor, universalmente irresistível.” - Jorge de Sena

“O humano é a única varonia da humanidade. O humano deverá ser a única varonia de Portugal. (...) O português tem uma acessibilidade melhor dos sentimentos universais do que qualquer outro povo da terra” - Almada Negreiros

“Há uma qualidade que ninguém nega aos portugueses, louvado seja N.S.: a sociabilidade (...) Onde o português chega, há tertúlia; desenvolve-se a afabilidade; alarga-se o halo humano; (...) e por cima de tudo, (...) uma grande simpatia humana.” - Aquilino Ribeiro

“Plasticidade amorável dizemos nós, porque dá ao espírito, exaltado pelo amor, uma capacidade eminentemente compreensiva, tanto para comunicar como para aprender. O segredo dessa plasticidade (...) esconde-se na riqueza amorosa do português, no seu dom de simpatia e comunicação cordial.” - Jaime Cortesão

“A afectividade marca-nos, forma o tesouro da nossa psicologia (...) O temperamento apaixonado, exclusivista dos portugueses faz deles grandes amorosos. (...) Teremos que dar importância ao poder contagiante do português sobre os demais povos, como portador de uma 'cultura' profundamente humanizada em 'simpatia'.” - Francisco Cunha Leão

"Ei-lo, moreno e alegre, elegíaco e forte! / (...) Ei-lo!... Há risos de amor na sua ingénua boca, / Há gestos de ternura em seu corpo de herói! / Só a mentira o quebra, e a estagnação o apouca: / – Sofre: – é Poeta e Santo. Ama." - João de Barros

"A actividade portuguesa não tem raízes na vontade fria, mas alimenta-se da imaginação, do sonho, porque o Português é mais idealista, emotivo e imaginativo do que homem de reflexão (...) O Português é, sobretudo, profundamente humano, sensível, amoroso e bondoso, sem ser fraco." - Jorge Dias

O senso comum erudito e a observação empírica das representações sociais do português

De acordo com a teoria do núcleo central, pode haver variabilidade no campo de uma determinada representação social mas apenas em relação aos elementos que se situem na periferia; os elementos considerados centrais terão de permanecer idênticos. Aplicando este pressuposto à representação da identidade portuguesa e considerando sobre esta a hipótese dos dois tipos de senso comum de Boaventura Sousa Santos, o estudo das características veiculadas por ambos deverá revelar o seguinte: se a composição do núcleo central apresentar características diferentes, estaremos perante duas representações sociais, o que confirmará a hipótese; se a composição do núcleo central, quer no discurso erudito quer no discurso popular, permanecer sensivelmente idêntica, os resultados não validarão a hipótese.

Aspectos metodológicos

A metodologia escolhida para comparar as duas prováveis representações sobre a identidade portuguesa (senso comum erudito e senso comum popular) consistiu na confrontação dos cidadãos comuns com características provenientes do discurso erudito.

Para esta confrontação utilizámos uma adaptação do procedimento ISA desenvolvido por Moliner (1992, 1993) e atrás referido. Neste método, o objecto para reconhecimento é inserido num cenário que o descreve de forma neutra, sendo clarificado apenas por uma característica que se hipotetiza integrar

o núcleo central (ou a periferia) da representação (*cenário ambíguo*).^[8] Atendendo às premissas da teoria do núcleo central, Moliner preconiza o seguinte: num cenário em que se inclui a negação de uma característica central o objecto não poderá ser reconhecido como sendo o objecto da representação em estudo, mas sê-lo-á quando no cenário se inclui a afirmação de uma característica central; contrariamente, a utilização de características periféricas não favorecerá o reconhecimento do objecto.

Para a aplicação deste método foi necessário operacionalizar o discurso erudito sobre o português segundo características centrais e periféricas nas imagens veiculadas por este discurso. Daqui se apuraram seis características tradicionalmente atribuídas aos portugueses, três consideradas centrais (*ser sentimental, dar importância à amizade, ser atencioso e agradável nas relações sociais*) e as restantes consideradas periféricas (*ser trabalhador, ser corajoso, ser criativo*). O *Cenário Ambíguo* construído consistiu na descrição de um indivíduo fictício (H.), sem que se fizesse qualquer referência quer à nacionalidade quer a traços de personalidade que pudessem vir a influenciar a resposta dos inquiridos. A estes foi pedido que expressassem a sua opinião quanto à possibilidade de se aplicarem a H. os descritores por nós seleccionados. No **Quadro 2** apresenta-se o modelo de cenário usado.

Recolha de informação empírica

A cada sujeito inquirido foi apresentado apenas um cenário para descrição de H. e a recolha de informação decorreu em duas fases distintas, cada uma recorrendo a amostras e a procedimentos diferentes.

A primeira fase inclui 119 estudantes universitários frequentando cursos de licenciatura na Universidade de Évora e na Universidade do Algarve, com idades maioritariamente entre os 18 e os 25 anos (idade média de 20 anos).^[9] Relativamente a outras variáveis, a distribuição da amostra revela-

se equilibrada: 41% indivíduos do sexo masculino e 59% do sexo feminino, composta por indivíduos provenientes de todos os distritos do país e com maior incidência em naturais de Faro, Lisboa e Évora.

Quadro 2 — Modelo de Cenário Ambíguo

"H. é uma pessoa de um determinado país que gosta de conhecer pessoas de outros países. Do contacto com algumas delas, apercebeu-se que partilha com todas certas características pessoais. No entanto, também já se apercebeu que tem determinadas características que é mais frequente encontrar entre as pessoas do seu país que nas de outros países. Entre estas características, aquela que considera

mais evidente é ser uma pessoa acima de tudo sentimental". ^[10]

Em seu entender, poderemos considerar H. uma pessoa do seguinte tipo:

| Descritores | Muito provavel- mente não | | | | | Muito provável mente sim |
|--|------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----------------------------|
| | [1] | [2] | [3] | [4] | [5] | [6] |
| Uma pessoa de nacionalidade portuguesa. | . | . | . | . | . | . |
| Uma pessoa corajosa. | . | . | . | . | . | . |
| Uma pessoa trabalhadora. | . | . | . | . | . | . |
| Uma pessoa simpática. | . | . | . | . | . | . |
| Uma pessoa criativa. | . | . | . | . | . | . |
| Uma pessoa que dá muita importância à amizade. | . | . | . | . | . | . |
| Uma pessoa atenciosa e agradável nas relações sociais. | . | . | . | . | . | . |

Embora não possamos considerar os estudantes como “elites culturais”, no sentido que Santos as define, poder-se-á atribuir a estes cidadãos um certo elitismo. Assim, numa segunda fase, com a finalidade de diversificar a origem social e situação socioeconómica dos informantes, usámos uma pequena amostra de 29 cidadãos residentes no Algarve. A constituição desta foi a seguinte: 57% de indivíduos do sexo masculino e 43% do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 19 e os 71 anos (idade média de 47 anos), de diferentes níveis de escolarização (57% até ao ensino primário; os restantes com a escolaridade básica ou complementar) e com actividade profissional diversa (36% do sector terciário, 36% domésticas e os restantes distribuídos pelos sectores primário e secundário).

Nesta fase de recolha, procedemos por entrevista em que usámos apenas cenários ambíguos referentes às características centrais, dado que o nosso objectivo principal visava testar a centralidade do tema afectivo no discurso do cidadão comum sobre o português. Consequentemente, os resultados obtidos com esta amostra poderão ser tomados como reforço do teste da nossa hipótese de trabalho.

A distribuição dos cenários pelos inquiridos das duas amostras conduziu aos efectivos referidos no **Quadro 3**.

Quadro 3 — Distribuição dos cenários pelos inquiridos

| Cenário | Amostra 1 | Amostra 2 |
|--|-----------|-----------|
| | N | N |
| Dar importância à amizade | 17 | – |
| Não dar importância à amizade. | 17 | 11 |
| Ser atencioso e agradável nas relações sociais | 17 | 7 |
| Ser corajoso | 17 | – |
| Ser criativo | 17 | – |
| Ser sentimental | 17 | 11 |
| Ser trabalhador | 17 | – |

Resultados

a) Reconhecimento do objecto de representação: características centrais e periféricas

Amostra 1

Relativamente às duas amostras em observação, tratámos primeiramente os resultados obtidos na amostra de estudantes.

Os cenários em que a identidade portuguesa como objecto de representação foi mais claramente reconhecida são aqueles que apresentam as características hipotetizadas como centrais (*ser atencioso e agradável nas relações sociais, ser sentimental e dar importância à amizade*). Em contrapartida, o nível mais baixo de reconhecimento ocorre perante o cenário que nega uma característica central (*não dar importância à amizade*). Para as três características consideradas periféricas observam-se médias próximas, destacando-se “ser trabalhador” com a média mais baixa, como é indicado no **Quadro 4**.

Quadro 4 — Reconhecimento da identidade portuguesa através dos cenários

| Cenário | Média | Desvio-padrão |
|--|-------|---------------|
| Dar importância à amizade | 4.24 | 1.64 |
| Não dar importância à amizade | 2.53 | 1.33 |
| Ser atencioso e agradável nas relações sociais | 4.41 | 1.54 |
| Ser corajoso | 3.82 | 1.42 |
| Ser criativo | 3.82 | 0.95 |
| Ser sentimental | 4.35 | 1.46 |
| Ser trabalhador | 3.18 | 1.42 |

Se agruparmos apenas em duas classes os níveis de resposta ao reconhecimento de H. como pessoa de nacionalidade portuguesa, obtemos para cada cenário a distribuição presente no Quadro 5.

[11] Somente em três dos sete cenários se assinalam assimetrias estatisticamente significativas na distribuição. Assim, a caracterização de H. como uma pessoa que é atenciosa e agradável no contacto social ou que é sentimental conduz os respondentes a considerá-lo “provavelmente como português”; ao caracterizar H. como não dando importância à amizade, os inquiridos consideram-no como “não sendo provavelmente português”. Perante os restantes cenários, os respondentes não manifestam posições tão claramente definidas. Será ainda de salientar que, relativamente à afirmação de *dar importância à amizade*, não se verificou assimetria estatisticamente significativa, a qual se observou perante a negação desta característica. Poder-se-á interpretar esta aparente discrepância aceitando que, afirmada, a importância da amizade surge com carácter geral e portanto aplicável não apenas ao português. Somente quando negada remete para o caso português.

Quadro 5 — Reconhecimento de H. como pessoa de nacionalidade portuguesa

| Cenário | Provavelmente não é português | Provavelmente é português | Estatística do quiquadrado |
|--|-------------------------------|---------------------------|----------------------------|
| Dar importância à amizade | 6 | 11 | 1.47 |
| Não dar importância à amizade | 14 | 3 | 7.12*** |
| Ser atencioso e agradável nas relações sociais | 5 | 12 | 2.88* |
| Ser corajoso | 8 | 9 | 0.06 |
| Ser criativo | 8 | 9 | 0.06 |
| Ser sentimental | 5 | 12 | 2.88* |
| Ser trabalhador | 10 | 7 | 0.53 |

níveis de significância: * 0.10 ≤ p < 0.05; ** 0.05 ≤ p < 0.01; *** p ≤ 0.01

Sugere-nos o conjunto de resultados que os inquiridos reconhecem preferencialmente como português um indivíduo exibindo as características que considerámos centrais a partir do discurso erudito.

Agrupando os cenários em função da centralidade e periferia das características apresentadas, os resultados que acabamos de referir tornam-se ainda mais ilustrativos. Verificamos então que apenas quando os cenários se referem a características centrais se observam assimetrias estatisticamente significativas no modo como os respondentes avaliam a probabilidade de H. ser um cidadão português: quando no cenário se afirma uma característica central, este é classificado predominantemente como correspondendo à descrição de um português ($X^2=7.08$, $p=0.008$); o contrário se observa quando no cenário se nega uma característica central ($X^2=7.12$, $p=0.008$); se o cenário inclui uma característica periférica, o inquirido responde indiferentemente ($X^2=0.02$, $p=0.888$), situação em que o cenário retoma a sua ambiguidade, podendo descrever ou não descrever um português (**Quadro 6**).

Quadro 6 — Reconhecimento de H. como pessoa de nacionalidade portuguesa (cenários agrupados)

| | Provavelmente não é português | Provavelmente é português | Total |
|--|-------------------------------|---------------------------|-------|
| Afirmação de característica central | 16 | 35 | 51 |
| Afirmação de característica periférica | 26 | 25 | 51 |
| Negação de característica central | 14 | 3 | 17 |

Amostra 2

Na segunda amostra encontraram-se resultados muito próximos dos obtidos junto dos estudantes. A tendência dos valores médios é semelhante à referida para a amostra 1 (**Quadro 7**), podendo atribuir-se ao acaso as diferenças registadas entre ambas.

Quadro 7 — Reconhecimento da identidade portuguesa através dos cenários

| Cenário | Média | Desvio-padrão |
|--|-------|---------------|
| Não dar importância à amizade | 2.18 | 1.17 |
| Ser sentimental | 3.63 | 1.43 |
| Ser atencioso e agradável nas relações sociais | 4.83 | 0.98 |

Agrupados os níveis de resposta tal como anteriormente, observam-se duas assimetrias estatisticamente significativas (*não dar importância à amizade* e *ser atencioso*) (**Quadro 8**), resultados que vão no mesmo sentido dos obtidos com a amostra 1. Quanto ao cenário *ser sentimental*, a assimetria assinalada, apesar de não significativa, indica a tendência esperada segundo a hipótese de centralidade desse traço.

Quadro 8 — Reconhecimento de H. como pessoa de nacionalidade portuguesa (cenários agrupados)

| Cenário | Provavelmente não é português | Provavelmente é português | Estatística do quiquadrado |
|--|-------------------------------|---------------------------|----------------------------|
| Não dar importância à amizade | 9 | 2 | 4.45** |
| Ser atencioso e agradável nas relações sociais | 1 | 6 | 3.57* |
| Ser sentimental | 5 | 6 | 0.09 |

níveis de significância: * $0.10 \leq p < 0.05$; ** $0.05 \leq p < 0.01$; *** $p \leq 0.01$

b) Reconhecimento do objecto e confrontação de cenários

Podemos ainda, contrastando os três tipos de cenários atrás referidos, analisar em que medida a afirmação ou negação de uma característica central e a afirmação de uma característica

periférica influenciam a probabilidade de H. possuir as outras características propostas como seus descritores (**Quadro 9**).

A possibilidade de H. ter as características periféricas em estudo não parece ser significativamente afectada pela forma como H. é caracterizado no cenário. Quer descrito por uma característica central quer periférica, os valores obtidos por H. como “corajoso”, “trabalhador” e “criativo” não diferem nos três tipos de cenário. Já assim não acontece quando o inquirido se confronta com descritores constituídos por características centrais e simultaneamente está perante um cenário que afirma ou nega uma característica central. Ou seja, os valores obtidos para os descritores “simpático”, “sentimental”, “atencioso e agradável nas relações sociais”, “dar importância à amizade” sofrem alteração significativa conforma a composição do cenário.

A interpretação destes resultados poderá ser a seguinte: se H. é apresentado através de uma característica central, a imagem que os respondentes dele formam aglutina as restantes características centrais, o que remete afinal para um efeito semelhante ao observado por Asch (1946) e já referido. Pelo contrário, a negação de uma característica central na descrição de H. conduz à rejeição das outras características centrais, o que confirma os pressupostos do método ISA (Moliner, 1993).

Quadro 9 — Caracterização de H., segundo os três tipos de cenário

| | Afirmação de característica central (A) | Afirmação de característica periférica (B) | Negação de característica central (C) | Estatística F e teste de Duncan |
|---|---|--|---------------------------------------|---------------------------------|
| Ser de nacionalidade portuguesa. | 4.3 | 3.6 | 2.5 | 11.1*** C≠B≠A |
| Ser corajoso. | 3.5 | 3.7 | 3.4 | 0.3 |
| Ser trabalhador. | 3.5 | 3.9 | 3.1 | 1.8 |
| Ser simpático. | 5.5 | 5.0 | 2.6 | 43.0*** C≠B≠A |
| Ser criativo. | 4.0 | 3.6 | 3.8 | 0.6 |
| Ser sentimental. | 4.8 | 3.6 | 3.0 | 10.1*** (C=B)≠A |
| Dar importância à amizade. | 5.5 | 4.9 | – | 5.8** B≠A |
| Ser atencioso e agradável nas relações sociais. | 5.5 | 5.2 | 2.8 | 32.4*** C≠(B=A) |

níveis de significância: * 0.10≤p<0.05; ** 0.05≤p<0.01; *** p≤0.01

Considerações finais

Na análise sociológica do senso comum sobre a identidade portuguesa revelaram-se nos dois aspectos principais: a própria *realidade* da identidade nacional e a sua *singularidade colectiva*, manifestada através de conteúdos específicos. Quer dizer, o senso comum aceita que existem indivíduos que são Portugueses e que, sendo-o, se caracterizam por isso de modo diferente de outros nacionais.

A confrontação de cidadãos anónimos com imagens literárias, veiculadas pelo discurso erudito, permite supor, à luz da Teoria das Representações Sociais e seguindo procedimentos para verificação do núcleo central, que a afectividade constituirá um elemento central da estrutura nuclear da representação da identidade portuguesa.

A inclusão da afectividade nesta estrutura não será recente, poderá inferir-se a partir do discurso erudito já no século XVII. Os resultados do estudo empírico que acabámos de apresentar parecem sugerir

uma maior proximidade entre “senso comum das elites culturais” e o “senso comum popular”, verificando-se, assim, ao nível do cidadão comum, uma interiorização mais profunda do que a esperada por Boaventura Sousa Santos.

Em termos globais, e de acordo com a leitura que orientou a nossa pesquisa, a cultura, enquanto *locus* de produção de formas simbólicas objectivadas em representações sociais, de que a “identidade nacional” é instância, não deriva apenas dos discursos mais ou menos ideologizantes a partir dos lugares selectos. Será isso, mas é também, e quiçá principalmente, uma construção social, um processo imanente e dialéctico, hoje em dia claramente ampliado e acelerado pela mediatização, e através do qual senso comum e discurso erudito se sobrepõem e eventualmente se confundem. Tal como sugere Geertz (1973), “o homem é um animal suspenso numa teia de significância que ele próprio tece”.

Eis outras vias por onde a *mão de Alice* nos poderá conduzir, senão mesmo ajudar a ir além do espelho.

Referências Bibliográficas

- Abric, J.-C. - *Jeux, conflits et représentations sociales*, Thèse d'Etat, Aix-en-Provence, Université de Provence, 1976.
- Asch, S.E. - “Forming impressions of personality”, *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 1946, 41, 258-290.
- Billig, M. - “Nationalism as everyday ideology”, *Textes sur les Représentations Sociales*, 1994, 3.
- Dias, J. - *O essencial sobre os elementos fundamentais da cultura portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1985 (ed. original, 1950).
- Jesuíno, J.C. - “Anomia e mudança na sociedade portuguesa”, in Knoke, A. et al., *Mudança Social e Psicologia Social*, Lisboa, Livros Horizonte, 1982.
- Moliner, P. - “ISA: l'Induction par Scénario Ambigu. Une méthode pour l'étude des représentations sociales”, *Revue Internationale de Psychologie Sociale*, 1993, 2, 7-21.
- Moliner, P. - *La représentation sociale comme grille de lecture*, Presses Universitaires de Provence, Aix-en-Provence, 1992.
- Moscovici, S. - *La psychanalyse, son image et son public*, PUF, Paris, 1961 (2ª ed., 1976).
- Mourão-Ferreira, D. (Ed.) - *Boletim Cultural: O Homem Português*, Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas, VII série, Fevereiro 1990.
- Peabody, D. - *National Characteristics*, Cambridge, Cambridge University Press, 1985.
- Rosado, F. - “Portugueses somos, com que agrado? ”, in *Estruturas Sociais e Desenvolvimento, Actas do II Congresso Português de Sociologia*, Lisboa, Editorial Fragmentos e Associação Portuguesa de Sociologia, 1993.
- Rosado, F. e Faísca, L. - “Portugal e o Oriente: que laços? Representações sociais da Índia entre os portugueses”, in *Congresso Internacional Portugal e os Mares: Um Encontro de Culturas*, Nápoles, Dezembro de 1994 (em pub.)
- Santos, B.S. - *Pela mão de Alice. O social e o política na pós-modernidade*, Porto, Edições Afrontamento, 1994.
- Schudson, M. - “La culture et l'intégration des sociétés nationales”, *RISS*, 1994, 139, 79-100.
- Zavalloni, M. e Louis-Guérin, C. - *Identité sociale et conscience. Introduction à l'égo-écologie*, Les Presses de l'Université de Montréal, 1984.

* Universidade do Algarve - UCEH

** Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE)

[1] O trabalho aqui presente insere-se num estudo em curso sobre aspectos da identidade portuguesa e conta com o apoio da Delegação Regional do Algarve da Secretaria de Estado da Cultura.

[2] O autor caracteriza estas elites do seguinte modo: “Elites culturais de raiz literária, muito reduzidas em número e quase sempre afastadas das áreas de decisão das políticas educacionais e culturais. Tenderam assim a funcionar em circuito fechado, suspensas entre o povo ignaro, que nada tinha para lhes dizer, e o poder político autoconvencido, que nada lhes queria dizer. Não tiveram nunca uma burguesia ou uma classe média que as procurasse 'trazer à realidade', nunca puderam comparar ou verificar as suas ideias e tão-pouco foram responsabilizadas pelo eventual impacto social delas.” (Santos, *op. cit.*, p. 50).

[3] Particularmente reveladora deste estereótipo é a posição de Castelo Branco Chaves num artigo intitulado “Universalismo, particularismo ou cosmopolitismo” (in *Revista Litoral*, nº 1, 1944) e no qual, em reforço da sua recusa de universalismo aos Portugueses, chega a invocar a conhecida facilidade destes em aprender uma língua estrangeira como ilustração da sua *falta* de personalidade: “característica que dá bem a medida de como o português não tem uma personalidade suficientemente singular para só pela sua língua expressar bem o seu ser.”. Este modo de falar *impune*, como diz Boaventura Sousa Santos, já então era refutado por António José

Saraiva que, em resposta a este mesmo artigo, escreveu: "Apenas digo que os Portugueses não podem ser um recanto escuro, uma falha na inteligibilidade do Universo, e denuncio como insuficientemente lógico e insuficientemente humano qualquer doutrina que o afirme." (in *Revista Litoral*, nº 3, 1945).

[4] Citado por António José Saraiva, *A cultura em Portugal*, vol. I, Lisboa, Gradiva, 1994, p. 85.

[5] D. Francisco Manuel de Melo, *Epanáfora Amorosa III*, in *Epanáforas de Vária História Portuguesa*, edição fac-simile, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1977.

6 Miguel Unamuno, *Portugal, povo de suicidas*, Lisboa, & etc, 1986.

[7] Trata-se da nova série do Boletim Cultural, no número intitulado "Homem Português", sob a orientação de David Mourão-Ferreira e de Natalina Oliveira do Carmo.

[8] Considera-se que o cenário é descrito de forma neutra quando a característica empregue por si só não é suficiente para induzir o reconhecimento do objecto de representação, passando a sê-lo apenas quando conjugada com uma característica central.

[9] Relativamente à recolha efectuada na Universidade de Évora, agradecemos a colaboração especial do Prof. Doutor José Arteiro.

[10] Este texto foi concluído de diferentes formas, conforme a característica que se queria validar (central ou periférica). Para cada uma das formas, e para evitar a redundância, retirou-se da lista dos descritores referidos no **Quadro 2** o correspondente à característica em estudo. No total usámos sete versões distintas, incluindo-se nestas a que negava uma suposta característica central (*não dá importância à amizade*).

[11] Neste agrupamento, atribuímos os níveis 1, 2 e 3 à categoria "Provavelmente não é português" e os níveis 4, 5, e 6 à categoria "Provavelmente é português".